

Educação infantil: currículo, desenvolvimento e ambiente escolar

Maria Antonia Pereira Pacheco¹
Rosa Maria Rodrigues Barros²

doi.org/10.47585/eici2022.03.02

Introdução

Desde seu nascimento, as crianças vivem em uma sociedade já estabelecida e, por meio da aprendizagem, do desenvolvimento da comunicação e da linguagem, constroem e ampliam seu mundo, expandindo e reconstruindo sua cultura. É dessa forma que as crianças, além de aprender as normas sociais e culturais, contribuem para sua manutenção, produção e transformação.

O conceito de infância como uma construção social surgiu a partir do Renascimento, mas é somente após a passagem dos séculos e das mudanças na sociedade e avanços nas Ciências Humanas, depois de uma significativa melhoria na qualidade de vida - saneamento básico, avanços na medicina e maior acessibilidade à escolarização - que tal conceito ganhou novos olhares.

No que se refere ao Brasil, um conceito de infância mais abrangente só começou a ser pensado no século XX, a partir dos estudos do sociólogo brasileiro Florestan Fernandes, principalmente através de seu trabalho “As Trocinhas do Bom Retiro”, produzido durante a década de 1940 em São Paulo.

Em seu trabalho, Florestan apresenta conceitos como folclore infantil e cultura infantil,

1 Graduada em Pedagogia da Faculdade Adventista do Paraná | E-mail: dodopereirapacheco@gmail.com

2 Doutoranda em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Docente da Faculdade Adventista do Paraná | E-mail: 402740@uem.br

ideias até então incomuns e pouco relevantes na época (SANTOS, 2014). Isso mostra como a ideia de infância no Brasil é recente, e como tem sido a vida das crianças brasileiras em decorrência disso. Ainda no século XXI, crianças que vivem fora dos grandes centros urbanos têm sua infância prejudicada por questões socioeconômicas e ainda vivem como pequenos adultos, trabalhando para ajudar a sustentar a família.

As crianças que sobrevivem nestas condições de cerceamento de sua infância também estão nas estatísticas da evasão escolar, visto que, ainda que na contemporaneidade brasileira, de acordo com o observatório do PNE/2014, o número de escolas para atendimento da educação básica nos anos iniciais tenha aumentado, conferindo uma certa universalização do ensino, as condições de permanência destas crianças ainda representa um desafio a ser superado.

O primeiro propósito da elaboração de um espaço escolar para a formação na infância consiste, segundo Gonzalez-Mena (2014), em apresentar que “o ambiente deve refletir os objetivos e princípios do programa”. Tal programa, curricular, necessita estar em consonância com os pressupostos que orientam a aprendizagem na Educação Infantil, as teorias que apontam para os processos de desenvolvimento do psiquismo e as relações interpessoais no contexto escolar.

O presente ensaio não tem a pretensão de conclusividade, mas de apresentar a importância de um ensino ancorado nos processos de desenvolvimento e relações sociais desde a infância, até o período de escolarização base para a formação dos sujeitos.

Metodologia

A metodologia utilizada para a realização deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, agregando-se os debates desenvolvidos na disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil, pertencente à graduação - Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Adventista do Paraná.

Os apontamentos nas aulas expositivas/dialogadas da referida disciplina também corroboraram para a construção deste texto, além de um relato de experiência da Coordenadora Pedagógica de um colégio da rede privada de ensino, da Educação Infantil ao Ensino Médio, localizado na região noroeste do estado do Paraná - Brasil.

O diálogo foi livre e enriquecedor, no qual foi possível o intercâmbio de ideias acerca da dinâmica da Educação Infantil, segmento que ela coordena neste colégio, agregando conhecimentos a partir de algumas de suas experiências. Em atendimento à ética e cumprindo os protocolos de proteção a sua privacidade e identidade utilizamos a sigla C.P. como identificação.

Alguns dos autores que contribuíram na construção do conteúdo e discussões do texto foram Santos (2014), Barros (2017) e Fernandes (2016), acerca da sociologia e cultura da infância, Vygotsky (1989), Taille *et al* (2019) e Papalia e Feldman (2013) sobre as teorias do desenvolvimento, e documentos nacionais como a BNCC/2018, o ECA/2019, o PNE/2014 e as DCNEI/2009.

Ressalte-se que os diálogos desenvolvidos para a obtenção dos dados do relato de experiência foram realizados em acordo com os protocolos da Faculdade.

Cultura da Infância

Em seu próprio universo infantil, em seu faz-de-conta, suas troças e brincadeiras, as crianças são capazes de recolher elementos do mundo adulto e revesti-los com novos sentidos e significados, criando uma cultura própria que hoje chamamos Infância. (BARROS; SANTOS, 2017) Todavia, nem sempre entendeu-se a infância como construção social como entende-se agora.

No Brasil, após os estudos de Florestan Fernandes, a infância passou a ser tema emergente e desde a Constituição Federal de 1988 a infância é protegida integralmente por lei, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/2019) garante que crianças e adolescentes são “sujeitos de direitos, em condição peculiar de desenvolvimento e com prioridade absoluta” (BRASIL, 2019, p. 9) além de afirmar a responsabilidade que a família, a sociedade e o Estado tem de garantir as condições necessárias para seu pleno desenvolvimento, colocando-os a salvo de toda forma de discriminação, exploração e violência, buscando sempre ampliar seu acesso à educação e combater o trabalho infantil.

No entanto, como consta no próprio ECA/2019, o Brasil ainda tem muitos desafios para garantir que todas as crianças e adolescentes tenham seus direitos respeitados, protegidos e assegurados.

Ressalta-se que um dos maiores provocadores do descaso com a infância são as desigualdades socioeconômicas. Ao observar a realidade das crianças dos grandes centros e daquelas que vivem em zonas periféricas nota-se uma enorme discrepância de oportunidades e de acesso a uma boa educação escolar. A acessibilidade a educação, comércio, saúde, lazer, tecnologia e cultura, são quantitativamente e qualitativamente superiores para aqueles que vivem no centro, mas em sua maioria defasada na periferia (CASTELLS, 1999). Ademais, a desigualdade de acesso às novas tecnologias, bens de consumo e produtos da indústria cultural aumentam a desigualdade social e impossibilitam, àqueles que vivem nas periferias, o acompanhamento das revoluções tecnológicas. Consequentemente, surge uma grande limitação de oportunidades àqueles que não vivem nos grandes centros, onde há uma educação mais abundante, com a tecnologia intrínseca ao seu desenvolvimento, possibilitando, futuramente, maiores e melhores oportunidades no mercado de trabalho.

O processo de desenvolvimento infantil e suas relações com a aprendizagem

No final do século XIX e início do século XX, pesquisadores e pensadores do desenvolvimento contribuíram muito para o entendimento da infância, a partir de pesquisas que elucidaram as fases do

crescimento/desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Teóricos como Vygotsky, Piaget e Wallon despontaram dentre os estudiosos que comprovam a importância da infância para a formação do sujeito. Seja pela relação com o outro social em um processo histórico, como afirma Vygotsky; no papel determinante da escola na construção do conhecimento, no desenvolvimento das estruturas mentais e na interação da pessoa com o meio, segundo Piaget; ou na interação das predisposições genéticas e fatores ambientais, integrados pelas funções de afetividade, inteligência e ato motor, de Wallon; todos trabalharam para que se pudesse compreender melhor as fases do desenvolvimento e aprendizagem da criança. (TAILLE *et al*, 2019)

Para Vygotsky, “o pensamento tem origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção” (TAILLE *et al*, 2019, p. 109). Além disso, na teoria psicogenética de Wallon, “o afeto ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento” (ibid., p. 121), ou seja, em toda a ação realizada pelo indivíduo há uma emoção por trás e isso é evidente principalmente nos primeiros anos de vida.

Um número considerável de pesquisas relacionadas à neurociência e à aprendizagem apontam que uma lembrança relacionada a uma forte emoção fica mais fixamente gravada e, por sua vez, gera algum tipo de aprendizagem; o que deixa explícito que a emoção e o afeto em sala de aula são essenciais para o aprendizado. Uma aprendizagem passiva nunca vai garantir o conhecimento e o desenvolvimento esperado de uma criança, mas quando há afeto entre o aluno e o professor, entre o aluno e seus colegas, quando há emoção, seja ela qual for, relacionada ao conteúdo, o aprendizado se torna ativo, contribuindo para um desenvolvimento real e saudável.

Cuidar seria responsabilidade essencialmente dos pais e nisso estaria incluído proteção, interesse, assistência material e moral, zelar pela saúde, bem estar e educação. Algo semelhante ao que consta no Art. 22 do ECA: “Aos pais incumbe o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais” (BRASIL, 2019). Ensinar seria encargo dos professores nas escolas, lecionar, instruir, dar aulas, transmitir conhecimento teórico ou prático. Entretanto, atualmente, entende-se que o papel do professor vai muito além de simplesmente transmitir conhecimento. Segundo Freire “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (1996, p.47), é entender o aluno em sua singularidade e trabalhar na formação do sujeito. Uma verdadeira educação vai muito além de ensinar conhecimentos científicos e literários, acima de passar conhecimento está a valorização e a potencialização das capacidades do aluno e a formação do caráter. (WHITE, 2015).

Todavia, a ideia de separar a responsabilidade dos pais como cuidar e dos professores como ensinar parece excludente e obsoleta. Afinal, há muito não se vê o aluno como uma tábula rasa, o que significa que ele aprendeu com os pais.

A organização curricular para a Educação Infantil

Dentre as diferenças do ensino que ocorre em casa com os pais e na escola com os professores está a intencionalidade. Na escola, para tudo há uma meta, um objetivo a ser alcançado e um motivo para ser feito. O que norteia isso é o Currículo. Uma proposta pedagógica só pode ser construída através de uma organização curricular, de modo que o currículo seja um elemento mediador da relação entre o cotidiano da criança - suas concepções, valores, desejos, necessidades e conflitos vividos em seu meio próximo - e a realidade social mais ampla - com outras concepções, valores, conflitos e visões de mundo (OLIVEIRA, 2013).

O currículo não pode ser entendido como um plano individual predeterminado. É um projeto coletivo, uma obra aberta, criativa e apropriada para o 'aqui-e-agora' de cada situação educativa. Ocorre com base na análise dessa situação, no estabelecimento de metas e de prioridades, no levantamento de recursos, na definição de etapas e atividades básicas, na reconstrução do projetado na interação (inter-ação) com as crianças, na verificação de aspectos do seu comportamento que se vão modificando no decorrer do processo. Envolve sensibilidades e uma visão de criança como alguém competente e com direitos próprios. (OLIVEIRA, 2013, p. 140).

Por isso que o planejamento do currículo é de extrema importância, a fim de garantir um processo integrado de desenvolvimento. E no novo contexto educacional há a necessidade de uma nova construção e concepção de currículo, com estruturas mais abertas e flexíveis, que viabilizem a construção de práticas metodológicas que promovam o desenvolvimento cognitivo e social.

O currículo deve ser fundamentado no pensamento pós-estruturalista, onde para além do olhar crítico acerca das relações existentes na sociedade, pressupõe a emergência de um olhar à Cultura, um apreço ao respeito à alteridade, à diversidade e ao conhecimento como viabilizador das relações. Além disso, o currículo deve amparar-se nas teorias da aprendizagem e do desenvolvimento.

A pré-escola, expressão usada no Brasil até a década de 1980, exprimia o entendimento de que a Educação Infantil era uma etapa anterior (pré), independente e preparatória para a verdadeira escolarização, que só começaria realmente no Ensino Fundamental. Somente em 1996, com a promulgação da LDB, a Educação Infantil passou a fazer parte integralmente da Educação Básica, estando no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Todavia, embora a Educação Infantil tenha sido reconhecida como direito de todas as crianças e dever do Estado, ela só passou a ser obrigatória para crianças de 4 e 5 anos com a Emenda Constitucional nº 59/2009, que determinou a obrigatoriedade da Educação Básica dos 4 aos 17 anos.

E assim como o entendimento de Educação Infantil evoluiu com o tempo, a concepção de criança também mudou. De acordo com o Art. 4º das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI/2009) a criança é um sujeito histórico e de direitos, que constrói sua identidade pessoal e coletiva nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, brincando, imaginando, desejando, aprendendo, observando, experimentando e questionando.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018) o educador encontra amparo essencial para orientar seu trabalho, como os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento, os Campos de Experiência e a Síntese de Aprendizagens. De acordo com o Art. 9º das DCNEI/2009, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas da Educação Infantil são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com outros indivíduos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

A organização curricular para a Educação Infantil: os campos de experiências e suas relações com os saberes

A organização curricular da Educação Infantil na BNCC/2018 está estruturada em cinco Campos de Experiências, nos quais são definidos os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento da Educação Infantil. Os Campos de Experiências são um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.

A Síntese das Aprendizagens, como apontada na BNCC/2018, deve ser compreendida como um elemento delineador e indicativo dos objetivos a serem explorados em toda a Educação Infantil, que serão ampliados e aprofundados no Ensino Fundamental, e não como condição ou pré-requisito para o acesso ao Ensino Fundamental. Desse modo, a Síntese das Aprendizagens auxilia no processo de transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, servindo de apoio para que haja continuidade das aprendizagens. Abaixo se encontra um quadro dos Campos de Experiência com seu detalhamento e respectiva Síntese de Aprendizagens.

Quadro 1. Campos de Experiência e Síntese de Aprendizagens

CAMPOS DE EXPERIÊNCIA	DETALHAMENTO	SÍNTESE DE APRENDIZAGENS
O eu, o outro e o nós	É na interação social com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar. Que vão descobrindo a diversidade e a diferença, que existem outros modos de vida, pessoas diferentes com culturas diferentes. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais, seja na família ou na escola, constroem percepções e questionamentos, construindo sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência.	<ul style="list-style-type: none"> ●Respeitar e expressar sentimentos e emoções; ●Atuar em grupo e demonstrar interesse em construir novas relações, respeitando a diversidade; ●Conhecer e respeitar regras de convívio social, manifestando respeito pelo outro.

**Continua na próxima página*

**Começa na página anterior*

<p>Corpo, gestos e movimentos</p>	<p>É com o corpo, por meio dos sentidos, gestos e movimentos que as crianças exploram o mundo ao seu redor e produzem conhecimentos.</p> <p>Na Educação Infantil é de extrema importância que a instituição escolar promova oportunidades ricas para que as crianças possam, ludicamente e através da interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Reconhecer a importância de ações e situações do cotidiano que contribuem para o cuidado de sua saúde e a manutenção de ambientes saudáveis; ● Utilizar o corpo intencionalmente, com criatividade e controle como instrumento de interação com o outro e com o meio;
<p>Traços, sons, cores e formas</p>	<p>É direito da criança vivenciar diversas formas de expressão e linguagens através de diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, no cotidiano da instituição escolar, como as artes visuais, música, teatro, dança, entre outras.</p> <p>Com base nessas experiências, elas passam a se expressar por diversas linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria através de sons, gestos, danças, mímicas, encenações, desenhos e outros.</p> <p>Essas experiências contribuem para que as crianças desenvolvam desde cedo o senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e do mundo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Diferenciar os diferentes tipos de sons e ritmos e interagir com a música; ● Expressar-se por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais; ● Relacionar-se com o outro empregando gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal.
<p>Escuta, fala, pensamento e imaginação</p>	<p>É através da escuta de histórias, da participação em conversas, nas descrições e narrativas, que a criança se constitui ativamente como sujeito, e por isso é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral.</p> <p>Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e de suas curiosidades. As experiências com a literatura infantil contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, para o estímulo à imaginação e para a ampliação do conhecimento de mundo.</p> <p>Através do convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão amadurecendo e conhecendo as letras, torna-se o princípio da escrita.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Expressar ideias, desejos e sentimentos em distintas situações de interação, por diferentes meios; ● Argumentar e relatar fatos oralmente, em sequência temporal e causal, organizando e adequando sua fala ao contexto em que é produzida; ● Ouvir, compreender, contar, recontar e criar narrativas; ● Conhecer diferentes gêneros textuais, demonstrando compreensão da função social da escrita e reconhecendo a leitura como fonte de prazer e informação.

**Continua na próxima página*

**Começa nas páginas anteriores*

Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	<p>As crianças vivem inseridas em contextos socioeconômicos e histórico-culturais diferentes.</p> <p>Elas demonstram curiosidade sobre seu próprio corpo, os fenômenos da natureza, os animais, as plantas, a matemática e as relações entre as pessoas, seus trabalhos, seu modo de viver, tradições e costumes.</p> <p>Por isso é de extrema importância que a Educação Infantil promova experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar, buscar respostas às suas curiosidades e indagações, criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Identificar, nomear e comparar propriedades dos objetos; ● Interagir com o meio ambiente e com os fenômenos naturais; ● Utilizar vocabulário relativo às noções de grandeza, espaço e medidas; ● Ter noções de tempo; ● Identificar e registrar quantidades por meio de diferentes formas de representação.
---	--	---

Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

Relato de Experiência: Planejamento, sala de aula e currículo vivo

O diálogo com a Coordenadora Pedagógica, do colégio da rede privada de Educação Infantil ao Ensino Médio, localizado na região noroeste do estado do Paraná, como já exposto na metodologia, proporcionou o contato com conhecimentos preciosos frutos das experiências dessa profissional. Em atendimento à ética e cumprindo os protocolos de proteção a sua privacidade e identidade utilizaremos a sigla C.P. como identificação. Ainda antes de entrarmos no espaço escolar, onde C.P. desenvolve seu trabalho, ouvimos seu primeiro argumento sobre a Educação Infantil:

C.P. “É preciso explorar tudo que está ao seu alcance, sempre partindo do concreto.”

De acordo com C.P., ao observarmos uma fonte, um lago ou uma queda d’água, juntamente com as crianças é possível trabalhar a água, sua importância e características, ecossistema, vegetação, até mesmo conceitos matemáticos e físicos. Uma escada pode se tornar um experimento matemático: quantos degraus tem? Com que letra começa o que eles estão vendo? E assim por diante.

Uma simples estrada, seja em um parque ou na própria escola, pode se transformar em um excelente instrumento para aprendizagem. Além disso, é importante que no ambiente escolar existam brincadeiras à disposição das crianças, como amarelinha, amarelinha em caracol, cordas para pular, bolas e outros brinquedos.

A cultura da brincadeira mudou muito depois do aumento da urbanização, as antigas brincadeiras de rua já não são mais algo comum a todas as crianças.

É preciso também se reportar a Florestan Fernandes, que desenvolve um estudo com crianças que brincavam livremente pelas ruas dos bairros de São Paulo. Naquele momento, a rua se configurava como um espaço de socialização infantil diferentemente dos dias atuais, pelo menos para algumas crianças e algumas infâncias. (BARROS; SANTOS, 2017).

A respeito das brincadeiras e jogos infantis, C.P. ainda argumentou: “É preciso resgatar o que os avós e bisavós das crianças vivenciaram.”

Antes dos avanços das Revoluções Industriais, a maioria das crianças costumavam brincar livres na natureza, pois a sua moradia e os hábitos familiares de subsistência dependiam quase exclusivamente do espaço rural, o cenário natural fazia parte de suas vidas.

Os avanços da economia e o processo de globalização na perspectiva capitalista, foram modificando os cenários rurais, que passaram a ser utilizados na produção das matérias primas, expropriando famílias de suas terras, em atendimento às demandas da indústria, forçando estas famílias a migrarem para os centros urbanos em busca de trabalho; ainda assim, mesmo com dificuldade de acesso, as famílias ainda encontravam formas de manter contato com a natureza (GONZALEZ-MENA, 2015).

Atualmente, com a consolidação do capitalismo, agora sob os direcionamentos do neoliberalismo, a crescente urbanização e principalmente após a pandemia do covid-19, os cenários se modificaram, o meio rural já não se constitui em um espaço para todos como privilégio, para a contemplação, está totalmente inserido na cadeia produtiva do país. As famílias, devido a pandemia da COVID19, principalmente as da classe trabalhadora, foram obrigadas a ressignificar as suas ações para a garantia da sobrevivência em termos financeiros e de saúde, e por já não possuírem o privilégio do ócio no campo, forçosamente, diante das circunstâncias, acostumaram-se a ficar na segurança do lar ao invés de se aventurar no meio urbano, externo. Interessante notar que já em 2015, Gonçalves-Mena argumentava,

Tudo parece mais perigoso hoje - o sol, a poluição, insetos portadores de doenças (como mosquitos e carrapatos) estão entre os fatores que mantêm as crianças do lado de dentro. Em vez de explorar a natureza, muitas famílias ou as mantêm em casa ou elas levam de carro a aulas estruturadas e atividades esportivas. [...] Só assistir ao National Geographic e a canais sobre a natureza não é o bastante. A mensagem que as crianças extraem desses programas é que a natureza é algo exótico e distante - que não faz parte de suas vidas. (p. 208).

Nós nos acostumamos a só vivenciarmos o virtual, vivemos através de imagens e vídeos de algo, que em outros tempos poderíamos viver pessoalmente. Mostrar uma foto de um bosque e levar as crianças para um parque são coisas que podem cumprir determinada função de maneira satisfatória, mas o contato direto com o real, com o original, vai proporcionar à criança aprendizagens e desenvolvimento sem igual.

Diante desta perspectiva, a sala de aula pode se tornar um local significativo para que as crianças angariem, ao menos em partes, as experiências que poderiam ter em meio à natureza. Segundo argumentou C.P., a sala de aulas para a Educação Infantil, a escola, necessitam ser planejadas e preparadas para aqueles que irão usá-las, no caso as crianças, de modo que o mobiliário, os espaços de higiene, bebedouros, dentre outros, devem ser ajustados à altura das crianças. “Um ambiente de educação infantil organizado para que as crianças sejam responsáveis por si mesmas reflete um programa que valoriza a independência” (GONZALEZ-MENA, 2015, p. 206).

A existência de nichos individuais para as crianças é muito importante, promove a individualidade e ensina sobre organização. Além dos nichos, é importante que haja espaços para as mochilas dos alunos - algumas escolas usam ganchos, mas C.P. argumentou que, “por apresentarem risco de ferimento para as crianças, tem-se optado por não utilizá-los mais”. Além disso, tanto os nichos, quanto o espaço destinado às mochilas, devem conter os nomes dos alunos, mesmo que estes ainda não saibam ler, pois é um incentivo à leitura e à alfabetização.

Em suas considerações acerca da sala de aulas e seu cotidiano C.P. pontuou:

O estabelecimento de uma rotina diária, de modo que os alunos possam visualizá-lo, é muito importante, pois diminui a ansiedade por não saber o que vem a seguir.

Desde a pandemia do Covid-19, tem havido muitas mudanças na rotina da sala de aula, higienização das mãos, controle de temperatura e uma das atividades que parece estar em crise é o momento da ‘escovação dos dentes’. Mesmo após a liberação do uso das máscaras, estende-se que compartilhar pias se constitui em um risco à saúde, devido à enorme quantidade de secreções a que as crianças ficam expostas. Escovar os dentes ainda continua sendo muito importante, mas neste período de mudanças, talvez ela deva ser reservada a lugares mais privados. Uma alternativa é o uso de enxaguantes bucais, que diminuem o contato das crianças com as pias e torneiras.

Sobre o tratamento de crianças que têm dificuldade de obedecer e ficar no lugar, embora o mais comum é que lhes seja chamado a atenção, em sua maioria na frente de toda a turma e aos gritos, a C.P. chamou atenção para outras formas de lidar com crianças assim. Segundo ela,

Um aluno que se mostra disperso pode ser trazido para mais perto da professora, que ela lhe fale em particular, lhe peça favores que oportunizem que ele tenha mais responsabilidades, pequenas coisas como distribuir os materiais ou levar recados para outras pessoas. Muitas vezes, sair da sala e correr para transmitir um recado, mesmo que simples, faz com que um pouco da sua energia e ansiedade sejam redirecionados, permitindo que ele se concentre mais durante a aula.

Sobre a Hora de Brincar, como costuma-se chamar o período de tempo sem atividades guiadas em que as crianças ficam livres para usar os brinquedos à sua disposição, a C.P. relatou que as novas gerações, que já nasceram no mundo globalizado com o smartphone na mão, têm apresentado dificuldades em demonstrar a sua criatividade devido a dependência a estes aparelhos que desde cedo são colocados em suas mãos pelos pais, afetando a sua capacidade de inventar. Apenas colocar os brinquedos no chão, como se fazia antes, não funciona mais, por esse motivo, atualmente, o tempo livre para brincadeira precisa ser observado atentamente pela professora, a fim de que ela possa ensinar a brincar as crianças que apresentem as dificuldades mencionadas.

Arelado a isso está o consenso entre os professores de Educação Infantil de que as novas gerações, principalmente após a pandemia do covid-19, tem se tornado cada vez mais individualistas - não egoístas, mas simplesmente tão desacostumadas ao convívio social, que dividir brinquedos ou

compartilhar o lanche estão se tornando atitudes cada vez menos naturais.

Todas estas situações devem ser trabalhadas em sala de aula, mas assim como não se aprende do dia para noite o alfabeto e a matemática, também não se aprende a compartilhar, respeitar e ouvir.

C.P. conclui a sua troca de experiências com o seguinte argumento: “É preciso tempo, ir devagar, a aprendizagem não acontece em um piscar de olhos.”

Considerações finais

A educação infantil, juntamente com os primeiros anos do Ensino Fundamental, pode ser considerada a fase mais importante no desenvolvimento e aprendizagem da criança. É o momento em que ela está mais aberta a receber novos conhecimentos e internalizá-los. Além disso, muito do caráter da vida adulta é formado nessa fase. Uma criança não é uma tábula rasa, mas alguém com conhecimentos pré-existentes e uma possibilidade infinita de desenvolvimento e aprendizado.

Tendo isso em vista, evidencia-se a importância de ter e coordenar um processo de ensino-aprendizagem que proporcione a construção de um projeto de vida, pois mais do que uma educação que permanece na escola, o que se aprende na Educação Infantil será levado para a vida inteira. É importante que uma criança seja apresentada desde cedo a princípios de saúde, ética e moral, como conviver em sociedade e se relacionar com o próximo.

Que o ambiente escolar seja favorável à aprendizagem e que ele fale por si mesmo. O pátio, a fachada, as salas de aula, devem falar por si próprios sobre quem utiliza aquele lugar, quais são seus valores, princípios e objetivos, sobre o que se ensina e sobre o modo como se ensina. Salienta-se aqui, a importância da adequada formação de professores, sendo imprescindível que aos mesmos seja oportunizada formação continuada, de um bom Currículo e proposta pedagógica.

Nas escolas atuais, não há mais espaço para um currículo tradicional e práticas mecanicistas. O currículo que a educação precisa é inovador, condizente com as novas tecnologias, revoluções industriais contemporâneas, descobertas científicas relacionadas à aprendizagem e desenvolvimento infantil, com a globalização e com as novas leis e propostas educacionais. Que tenha como base os Campos de Experiência da BNCC e oportunize aos alunos conhecimentos para além da sala de aula.

Referências

BARROS, C. C.; SANTOS, T. de A. Cultura da infância, reprodução interpretativa e educação para os direitos humanos. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 13, 2017, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2017, p. 1234-1251. Disponível em: <https://www.academia.edu/35469764/Cultura_da_Inf%C3%A2ncia_Reprodu%C3%A7%C3%A3o_Interpretativa_e_Educa%C3%A7%C3%A3o_para_os_Direitos_Humanos?source=swp_share>. Acesso em: 23 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF, 2019.

_____. Plano Nacional de Educação (PNE). **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Brasília: MEC, 2014.

_____. Todos pela Educação. **Observatório do Plano Nacional de Educação**. 2013. Disponível em: <<https://www.observatoriodopne.org.br/>>. Acesso em: 07 abr. 2022.

_____. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC, CNE, CEB. Disponível em: <http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede: a era da informação**: economia, sociedade e cultura. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERNANDES, F. As “trocinhas” do Bom Retiro. **Pro-Posições**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 229–250, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643855>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GONZALEZ-MENA, J. **Fundamentos da Educação Infantil**: ensinando crianças em uma sociedade diversificada. Tradução de Marcelo de Abreu Almeida. 6. ed. Porto Alegre: Amgh, 2015.

OLIVEIRA, Z. de M. R. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013

SANTOS, S. V. S. dos. Sociologia da infância: aproximações entre Willian Corsaro e Florestan Fernandes. **Educação em Perspectiva**, Viçosa-MG, v. 5, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6589>>. Acesso em: 24 maio. 2022.

TAILLE, Y. de L.; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vigotski, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. 28. ed. São Paulo: Summus, 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WHITE, E. G. **Educação**: um modelo de ensino integral. Tradução de Flávio Lopes Monteiro. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.